

O GATO PRETO & O GALO PRETO: OS LIMITES DO COMUM E DA DIVERGÊNCIA



<https://doi.org/10.22533/at.ed.828132512063>

Data de aceite: 07/07/2025

Alessandra Fonseca De Moraes

Doutora em Letras / Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica - PUC- Minas, Mestre em Educação, Cultura e Organizações Sociais pela Universidade Estadual do Estado de Minas Gerais - UEMG

Fernando Henrique Ribeiro

Bacharel em Direito pela Universidade de Itaúna – UIT. Especialista em Pós Graduação Lato Sensu em Advocacia Cível pela Faculdade de Direito da Fundação Escola Superior do Ministério Público – FMP. Licenciado em Letras / Português e Inglês pela Universidade Estadual do Estado de Minas Gerais - UEMG

RESUMO: O presente artigo tem como condão fazer uma análise literária dos contos quase homônimos *O gato preto* (1843), de Edgar Allan Poe, e “O galo preto” (2016), de Cristiane Sobral, por meio de uma leitura comparada de contos escritos com quase dois séculos de diferença. De fato, notamos que existe uma tensão constante expressa nos dois contos no que diz respeito ao olhar dos narradores sobre “as várias possibilidades da morte”

que caracterizam as culturas europeias e brasileiras. Abordamos o animalesco representado no conto de Poe, na figura do gato e de todo o misticismo de má sorte que está envolta a sua imagem, tendo a figura do galo carregando o simbolismo oposto e nos levando ao fantástico. Partimos da ideia de que ambos os contos têm algumas diferenças, exploraremos suas semelhanças, levando em consideração o simbolismo, o contexto que nos é apresentado e as inspirações que cada autor nos causa.

PALAVRAS-CHAVE: Fantástico. Terror. Estranhamento.

THE BLACK CAT & THE BLACK ROOSTER: THE LIMITS OF COMMONALITY AND DIVERGENCE

ABSTRACT: This article aims to present a literary analysis of the almost homonymous short stories *The Black Cat* (1843) by Edgar Allan Poe and *The Black Rooster* (2016) by Cristiane Sobral, through a comparative reading of narratives written nearly two centuries apart. A constant tension is perceived in both texts regarding the narrators' views on “the many possibilities of death” that characterize European and Brazilian cultures. We address the animalistic

element represented in Poe's tale by the figure of the cat and its symbolic association with bad luck and mysticism, in contrast to the rooster in Sobral's story, which carries the opposite symbolism and leads us into the realm of the fantastic. Based on the premise that the two tales present some differences, we also explore their similarities, considering symbolism, narrative context, and the emotional impact evoked by each author.

KEYWORDS: Fantastic. Horror. Estrangement.

INTRODUÇÃO

A ideia inicial do presente artigo tem como condão analisar os contos *O gato preto* (1843), de Edgar Allan Poe, e "O galo preto" (2016), de Cristiane Sobral, por meio de uma leitura comparada das obras.

Através da leitura dos dois contos, é possível observar algumas semelhanças da obra de SOBRAL (2016) e POE (1843), que vão muito além do próprio título. São contos que transitam nos universos do fantástico, do terror e ambos se valem de uma temática que se serve do estranhamento como recurso para expressar a presença do animal/animalesco.

Além disso, observamos que existe uma tensão constante expressa nos dois contos no que diz respeito ao olhar dos narradores sobre "as várias possibilidades da morte". Essa tensão é evidenciada principalmente no momento de relacionar-se com o espaço domiciliar, por meio da encenação no corpo da linguagem de infantes, tecendo, palavra após palavra, uma nova relação entre o terror/fantástico e seus discursos, suas afeições e representações das personagens.

Nessa mesma perspectiva, surge um questionamento muito importante: por que o horror e o fantástico nos é tão atrativo? Podemos inferir que o horror nos atrai porque os medos que partem do cotidiano, do real, podem ser de certa forma palpável, se tornando algo controlável. Enquanto o fantástico atinge o imaginário ou o subconsciente, e ambos os gêneros levam as pessoas a assistirem, por exemplo, a filmes e/ou a lerem livros de terror e fantasia, pois as sensações provocadas no leitor/telespectador estão, em sua totalidade, fortemente relacionadas ao *pathos*¹ – a empatia do leitor para com os personagens.

Dito isso, podemos afirmar que o objetivo deste artigo é evidenciar a relação existente entre os contos, levando em consideração o contexto em que foram produzidos e como foram desenvolvidos, de modo que possamos estabelecer um paralelo entre as obras analisadas.

Não podemos deixar de mencionar, ainda, que pensando na utilização da temática animalesca em obras literárias e sua simbologia, abordaremos de forma sucinta, por não ser o enfoque deste artigo, uma corrente de estudo que vem ganhando espaço na

¹ *Pathos* é algo inerente ao ser humano, estando ligado ao modo afetivo que cada indivíduo constrói para estar no mundo, dizendo respeito não somente às questões de desequilíbrio, mas estando presente também no dia a dia do sujeito e de sua cultura. Essa disposição subjetiva individual resultará na maneira como o sujeito lidará com a realidade: se com mais ou menos sofrimento, se com mais ou menos contato com essa realidade e de maneira mais rígida ou flexível. (RESENDE; BRANCO FILHO, 2004, p. 91.)

discussão do campo filosófico nomeada de “Ética Animal” e na Teoria da Literatura ganhou um campo de investigação chamando “Ecocrítica”, que põe em evidência o espaço natural e os animais na literatura.

Diante de todo o sobredito, podemos pontuar que esse artigo se situa nos campos do terror, do fantástico e do estranhamento do desconhecido, levando em consideração a literatura fantástica, o conto e utilizando-se de dois autores, Edgar Allan Poe e Cristiane Sobral, que separados por séculos em suas escritas conseguem brincar com nosso imaginário. As obras de ambos apresentam o símbolo animalesco, o gato e o galo, partindo de situações aparentemente comuns e fazendo emergir, a partir daí, o fantástico e o sobrenatural.

PARÁFRASES DOS CONTOS

O *The Poe Museum*² disponibiliza a biografia de um dos maiores escritores do gênero de terror e mistério, Edgar Allan Poe, que foi autor, poeta, editor e crítico literário americano e integrante ativo do movimento romântico americano, tendo sido conhecido por suas histórias que envolvem o mistério e em uma espécie de humor macabro. O conto escrito em 1843, *O gato preto*, é sem sombras de dúvidas uma história que carrega muito simbolismo, em sua narrativa obscura, e muitas mensagens subliminares.

Poe utiliza um narrador em primeira pessoa, que, logo de início, nos faz perceber que a história se compõe por meio do relato memorial de um narrador-personagem às vésperas de sua condenação. A partir desse começo, o leitor é levado a compreender melhor uma mente que é perturbada com os acontecimentos de um passado não tão distante. Somos alertados pelo próprio narrador de que esse relato pode ser falso, devido a sua confusão para distinguir o que é ou não real, deixando-nos a lacuna que propicia a dúvida: até que ponto os fatos apresentados no conto são reais e não frutos da mente atormentada do narrador?

Neste conto de Poe, o enredo apresenta muitas simbologias para a construção de sentido e apenas o personagem que carrega o maior significado para a obra apresenta um nome. O gato é identificado pelo nome de Pluto (ou Plutão), o que, se analisarmos pela ótica da mitologia romana, refere-se ao Deus Plutão³, senhor dos mortos.

Devido ao uso excessivo de álcool, por parte do narrador/protagonista, muitos de seus atos se refletem em seu temperamento e em suas mudanças de humor, o torna violento, ao ponto de em uma noite chegar a retirar um dos olhos do seu gato e enforcá-lo numa árvore. E é nessa referida noite do enforcamento que há um incêndio na casa da

² O *The Poe Museum* é um museu localizado em Richmond, Virginia, nos EUA, onde sua sede fica em uma casa de pedra, a mais antiga da cidade e exibe fotos, obras e recordações de Edgar Allan Poe. As informações da biografia de Poe contidas neste artigo foram tiradas de seu site: <https://poemuseum.org/poe-biography/>.

³ Na cultura romana, Plutão era filho de Saturno e de Reia, e irmão de Júpiter, Juno e Neptuno. Quando Júpiter fez a partilha do universo, deu a Plutão o império dos infernos. Dados disponíveis em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$plutao-\(mitologia\)](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$plutao-(mitologia)). Acesso em: 21 abr. 2023.

família e o narrador entende isso como um mau presságio, especialmente quando vê a sombra do gato enforcado numa parede que se manteve de pé, conforme podemos ler a seguir:

Todas as paredes tinham caído, exceto uma, e esta era a de um aposento interno, não muito grossa, que se situava mais ou menos no meio da casa e contra a qual permanecera a cabeceira de minha cama. O estuque havia, em grande parte, resistido ali à ação do fogo, fato que atribuí a ter sido ele recentemente colocado. Em torno dessa parede reuniu-se compacta multidão e muitas pessoas pareciam examinar certa parte especial dela, com uma atenção muito ávida e minuciosa. As palavras “estranho!”, “singular” e expressões semelhantes excitaram minha curiosidade. Aproximei-me e vi, como se gravada em baixo-relevo, sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem fora reproduzida com uma nitidez verdadeiramente assombrosa. Havia uma corda em redor do pescoço do animal (POE, 2018, p. 19-20).

Em outra passagem, muito alcoolizado, o narrador vê um gato semelhante a Plutão e o leva para sua casa, vindo a perceber posteriormente que o gato tem uma mancha branca no pelo em forma de forca, único detalhe em sua fisionomia que se difere do seu antigo gato. No decorrer do conto, em um determinado momento quando descia ao porão, o narrador-personagem tropeça no gato e, em um ato de fúria, agarra o machado para matá-lo, só que acaba acertando a mulher, que tenta defender o animal, atingindo-a no meio da cabeça. Depois de tal ato, esconde o corpo da mulher por detrás da parede da cave, e repara que não há sinal do gato. Somente no final do conto, quando a polícia descobre o cadáver escondido, é que o gato é encontrado, conforme o trecho a seguir:

O cadáver, já bem decomposto e coberto de sangue coagulado, surgiu ereto diante dos olhos dos espectadores. Sobre a cabeça, com a boca vermelha escancarada e o olho solitário de fogo, estava sentada a criatura hedionda cujos ardis tinham me seduzido ao assassinato, e cuja voz delatora havia me condenado à forca. Eu tinha emparedado o mostro dentro da tumba! (POE, 2018, p. 28).

Acredito que Poe se serviu da superstição para incutir o medo nos leitores. Os gatos pretos⁴ eram (e ainda são) associados ao azar ou à má sorte, a elementos místicos de bruxaria, e à malignidade. Ainda, em observância, verifica-se que a culpa, pelo incêndio e pela descoberta do cadáver, recai totalmente sobre o felino.

Noutro giro, temos Cristiane Sobral, que, conforme consta no portal da literatura afro-brasileira da UFMG (Literafro), é escritora afro-brasileira, poetisa brasileira, atriz, diretora, professora de teatro. Possui mais de dez livros publicados, e em seu livro *O tapete voador* (2016) constrói enredos inventivos que abalam imagens muitas vezes cristalizadas, e é neste livro que encontramos o conto “O galo preto”.

⁴ Intuímos que o fato da associação do gato “preto” com a má sorte pode estar associado a um fenômeno racista, porém tal discussão, devido sua complexidade e melindre não caberiam no artigo, mas é algo a ser pensado num possível estudo *a posteriori*.

O enredo do conto gira em torno de uma família que vive em estado de miséria e privação absoluta devido a sua condição financeira, mas mesmo assim a mãe faz de tudo para que tal situação não seja percebida pelas crianças. Etelvina, a mãe, presenteia suas filhas Lôli, Maria e sua sobrinha Josefina, que mora com eles desde a morte prematura da mãe, com uma galinha para cada e elas as nomeiam: Augusta foi o nome escolhido por Lôli, a da sua irmã caçula era Francisca, e Josefina ficou com Pauliceia. Passando-se uma semana a mãe apareceu com um galo preto, pois conforme ela todo galinheiro precisa ter um para dar sorte e cuidar das galinhas.

Aos domingos, a família recebia a visita de um tio, irmão de Etelvina, que morava em um bairro distante, e nessas ocasiões a mãe preparava um delicioso macarrão com galinha, o tio trazia comida, fartura e alegria. Os tempos começaram a ficar mais difíceis, a mãe passava por problemas de saúde, enquanto o pai vivia procurando alguns bicos, mas gastava quase todo o dinheiro com bebidas, pois era um alcoólatra, e quando bebia parecia um “galo” de briga, como vemos no trecho: “Quando bebia parecia um galo de briga, gritando sozinho, e a zanga dele era sempre de falar sozinho com o rádio, por causa das derrotas constantes do seu time de futebol.” (SOBRAL, 2016. p. 70).

Em uma sexta-feira à noite, a mãe pediu às crianças que escrevessem os nomes das galinhas para que se realizasse um sorteio, e a galinha vencedora fora Pauliceia. As crianças a enfeitaram, deram carinho e contaram histórias para dormir, como a mãe pediu, porque ela teria uma grande missão para cumprir. Nunca mais viram Pauliceia.

Aos poucos, as galinhas foram desaparecendo e a verdade era que a mãe estava as matando para que as crianças não passassem fome. Em uma passagem do conto, Lôli ouviu a mãe passando as instruções para o pai de como se matava uma galinha. As galinhas continuaram desaparecendo e as meninas resolveram pedir ajuda ao galo. No galinheiro, tremendo de medo, Lôli olhou no fundo dos olhos do galo preto, chorando de saudades de suas amigas, e pediu para que ele ajudasse a sua mãe, vejamos:

O galo olhou as meninas de um jeito muito estranho. De forma um tanto mágica, suspirou e começou a ciscar feito louco, cada vez mais rápido. O galinheiro ficou tomado por uma névoa surreal. O galo cantou como nunca e ciscou freneticamente. As meninas desmaiaram e ficaram caídas ali no chão do galinheiro. De manhã, o pai e a mãe também não levantaram da cama. Pela primeira vez a mãe não foi trabalhar. O rádio ficou mudo. (SOBRAL, 2016. p. 73).

A aproximação entre dois cenários distintos – a casa da família e o galinheiro – aponta um caminho de leitura desse conto que nos permite imaginar os mais variados cenários, bem como abre portas para uma leitura comparada com o conto de Poe, escrito dois séculos antes.

A SIMBOLOGIA DO GATO E DO GALO

Para melhor compreensão deste artigo, se faz necessário que seja compreendido o simbolismo que gira em torno do “gato” e da figura do “galo”. Inicialmente abordaremos a mística que envolve a figura do gato, que, entre tantos animais, surge, geralmente, evocando algo de sobrenatural e cercado muitas das vezes de mistérios.

Darnton (1986) destaca que a simbologia e a alegação do uso ritualístico do gato preto residiriam e ainda reside no elo criado entre a bruxaria e os felinos. Inclusive, em séculos passados gatos eram torturados, no intuito de livrar-se de feiticeiras ou, propriamente dito, de feitiçaria. Como podemos observar no conto, POE⁵ (2018) sabiamente aborda de forma clara o misticismo envolto na figura do felino, como mostra a citação:

Este último era um animal notadamente grande e belo, todo preto, e espantosamente esperto. Quando falávamos de sua inteligência, minha mulher, que no fundo era um tanto supersticiosa, fazia frequentes alusões à antiga crença popular segundo a qual todos os gatos pretos seriam bruxas disfarçadas (POE, 2018, p. 16).

Metaforicamente, a correlação envolta com a figura do gato e o sobrenatural tornava propícia a sua utilização para práticas do misticismo e, curiosamente, gatos pretos permanecem até os dias atuais estereotipados como aqueles que trazem má sorte, sendo a personificação do obscuro.

Enquanto a figura do gato carrega todo o estigma da má-sorte, a figura do galo em algumas culturas é atribuída a diversas simbologias que denotam um bom presságio, principalmente nas culturas ocidentais e orientais, e todas elas estão universalmente ligadas aos cultos solares, porque o seu canto anuncia o nascer do sol, conforme o *Dictionary of Symbols de Tresidder* (2003).

A figura do galo na visão cristã faz alusão a Cristo, com simbolismo à ressurreição e à luz. A luz antecede a noite, e na mesma perspectiva Cristo e a figura do galo anunciam a luz. Também podemos mencionar a Missa do Galo, uma importante tradição da Igreja Católica que é realizada à meia-noite na véspera de Natal. Ela faz parte das celebrações existentes no Catolicismo a respeito da data de nascimento de Cristo, significando o surgimento de uma nova luz para o mundo.

Sob uma perspectiva distinta e considerando o uso da temática animal em obras literárias e sua simbologia, uma corrente de estudos tem ganhado destaque e gerado discussões no campo filosófico, denominada “Ética Animal”. Já na Teoria da Literatura, surgiu um campo de investigação chamado “Ecocrítica”, que coloca em destaque o papel do espaço natural e dos animais na literatura. Nas palavras de Garrard (2006, p. 16), “A Ecocrítica tem por objeto o estudo da relação entre o humano e o não humano, ao longo da história cultural humana e acarretando uma análise crítica do próprio termo ‘humano’.”

⁵ Durante a elaboração deste artigo foram utilizadas duas traduções distintas do conto original *The Black Cat*, de Edgar Allan Poe, uma edição da editora Tordesilhas, 2012, e outra da editora Pandorga, 2018.

Claramente podemos observar que se trata de uma crítica norteadada por um viés ecológico. Analisar a construção cultural da natureza é o seu alvo: “O desafio dos ecocríticos está em manter um olho nos modos como a ‘natureza’ é sempre culturalmente construída, em certos aspectos, e outro no fato de que ela realmente existe, tanto como objeto quanto, ainda que de forma distante, como origem de nosso discurso.” (GARRARD, 2006, p. 23).

Nessa perspectiva, emerge a pergunta: Seria então o animal o “outro”, o diferente, ou seria a imagem e a semelhança do ser humano? Para esclarecer essa pergunta temos as ponderações de Nunes (2011) em seu ensaio “O animal e o primitivo”, no qual aborda que o animal é o outro em nossa cultura: o contrário de ser humano e, concomitantemente, simbolização do indivíduo. Assim, o animal simbolizaria o lado instintivo do ser humano.

Muito é percebido, e podemos interligar ao conto de POE (2018) essa simbolização do narrador que começa mostrando ternura e afeição aos animais desde sua infância, e quando já em fase adulta é tomado pelo vício do alcoolismo, cometendo atrocidades e demonstrando a decadência de seu caráter. Vejamos:

Passava a maior parte do meu tempo com eles, e nada me deixava mais feliz do que alimentá-los e acarinhá-los. Esse traço de meu caráter foi crescendo comigo, e, na idade adulta, fiz dele uma de minhas principais fonte de prazer (POE, 2018. p. 16).

Em contrapartida:

Tornei-me dia após dia mais taciturno, mais melancólico, mais irritável, mais indiferente aos sentimentos alheios. Permiti-me falar de forma destemperada com minha esposa. E terminei por usar até mesmo de violência física. Meus animais de estimação, é claro, tiveram que sofrer essa mudança de meu caráter (POE, 2018, p. 17).

No desenrolar da narrativa do conto de Poe, podemos observar que a figura do gato é um elemento que guia totalmente a estória, com sua presença contínua em todos os momentos-chave do conto. Ainda, curiosamente recai totalmente sobre si a culpa pelo assassinato e pela descoberta do cadáver emparedado no porão, mesmo que tenham sido desdobramentos e ações praticadas pelo narrador-personagem. De um lado, é utilizado todo o misticismo envolto sobre a figura do felino pela má-sorte, e com um olhar mais atento observamos o lado instintivo e agressivo do ser humano pelos atos praticados pelo narrador-personagem.

Se voltarmos o olhar para o conto de Sobral, a figura do galo na obra também é mencionada em momentos-chave do conto. Inicialmente, é anunciada sua chegada para trazer sorte ao galinheiro, em sequência aparece na segunda fase do conto quando a mãe é obrigada a sacrificar as galinhas para que não morressem de fome, e o galo vem defender Pauliceia de seu triste fim. E, por último, toma o seu papel de protagonismo ao atender o pedido de socorro das meninas.

Na utilização da imagem do galo na obra de Sobral, muito lhe é comparado à figura do pai, como no trecho “O galo preto não fazia quase nada no galinheiro”, só andava de um lado para o outro, como o pai, e ainda pondera utilizando a expressão “galo de briga” na passagem, “Quando bebia parecia um galo de briga, gritando sozinho, e a zanga dele era sempre de falar sozinho com o rádio, por causa das derrotas constantes do seu time de futebol.” (SOBRAL, 2016. p. 70). Nesse conto, o galo e o pai são marcados pela semelhança em características que lhes são atribuídas. As suas ações representam a possibilidade de vínculo entre eles.

O TERROR, O FANTÁSTICO E O ESTRANHAMENTO

O terror é um gênero literário riquíssimo, pois mostra ao leitor o que não é convencional em narrativas, mas que está presente em cada um de nós. Todo ser humano, desde a infância, tem vários medos e os alimenta a cada dia, seja por desconhecer algo e persistir na ignorância, seja por vivenciar experiências traumáticas, seja através do medo alheio, que é divulgado e se torna de senso comum. O medo, a principal sensação que se tem ao ler um livro de Edgar Allan Poe, de Stephen King ou de H. P. Lovecraft, por exemplo, é uma descarga enorme que causa considerável impacto físico-emocional no indivíduo. Portanto, as mensagens que o texto de terror nos transmite, sejam elas explícitas ou implícitas, serão gravadas irremediavelmente na memória, fazendo-nos muitas vezes até sonhar com tais situações macabras (BEGHINI, 2010).

Tais traços ficam evidenciados em várias passagens durante todo o conto *O gato preto* (1843), mas, em especial, quando o narrador descreve as várias ideias que lhe vem à mente, após o monstruoso assassinato de sua esposa e sua árdua tarefa de ocultar o cadáver. Vejamos:

No primeiro momento, pensei em cortar o cadáver em pedaços e incinerá-lo. Depois considerei cavar uma sepultura para ele no chão do porão. Em outro momento, pensei em atirá-lo no poço do jardim – ou em um caixote, como se fosse uma mercadoria, tomando as medidas de costume, e então arrumar um carregador para tirá-lo de casa. Por fim, cheguei ao que considerei um expediente muito melhor do que todos os outros e decidi emparedá-la no porão, assim como se dizia que os monges da Idade Média faziam com suas vítimas (POE, 2012, p. 25).

De acordo com as teorias de Todorov, não devemos falar do terror como uma mera classificação de gênero, mas de uma tendência em causar o medo: “há um fenômeno estranho que pode ser explicado de duas maneiras, por tipos de causas naturais e sobrenaturais. A possibilidade de oscilar entre ambas, cria o efeito fantástico” (TODOROV, 1981, p. 16).

Nessa linha de pensamento, em *O gato preto*, Poe (1843) trabalha o sobrenatural subjetivo, cabendo ao leitor criar a imagem mental de cada acontecimento, levando-nos a entrar no jogo do narrador, como se o leitor estivesse vendo a história contada, um terror/suspense. Vejamos:

Ah!, que Deus me livre das garras do arquidemônio! Mal tinha o eco das minhas pancadas mergulhado no silêncio, quando uma voz lhes respondeu de dentro do túmulo: um gemido, a princípio abafado e entrecortado como o choro de uma criança, que depois se transformou num prolongado grito sonoro e contínuo, extremamente anormal e inumano (POE, 2012, p. 10).

Em “O galo preto” (SOBRAL, 2016), a princípio, não lidamos com o terror, mas com possibilidade de encontro com o fantástico. “Quando acordaram, estavam num lugar estranho. Sem fome, peso, pele. Sem espelhos. Brincaram com as anjinhas vestidas de galinha. Elas existiam mesmo!” (SOBRAL, 2016, p. 73).

Para as teorias ligadas ao fantástico, nos apoiaremos em Todorov, pois, para o autor, só podemos pensar em conto fantástico quando há “presença de mundos e de potências insólitas” (1981, p. 20) e que “a pedra fundamental do fantástico é a impressão de estranheza irredutível” (1981, p. 21).

Jauss, em seu livro *A história da literatura como provocação à teoria literária*, 1994, nos diz que a literatura fantástica é aquela capaz de causar o medo no leitor e tal medo faz com que o texto gere mais sentido. Assim também observa Marcio Cícero de Sá (2003), segundo sua dissertação de mestrado, quando temos situações e eventos cuja ciência e as leis naturais não podem explicar, há o fantástico. *The fantastic in literature*, Rabkin (1977) nos aponta que na literatura fantástica as regras básicas da mimese⁶ são desconstruídas por meio das ações das personagens, do espaço, da narração, da própria arquitetura do texto, abrindo caminhos para uma nova criação de universos ficcionais significantes.

Ambos os contos possuem um importante potencial no quesito: fantástico/terror. Acreditamos que ao fazermos as análises comparativas podemos observar o inusitado advindo do fantástico/terror, trazendo novas formas de se pensar o ficcional em geral, assim como o efeito de estranhamento brechtiano. De acordo com Brecht (2017), ao tecer um novo olhar sobre o “estranho”, é possível que aja uma nova leitura crítica daquilo que no início foi tido como “inaceitável”, “impossível”.

No estudo do estranhamento, um dos primeiros teóricos a discorrer sobre a definição do conceito, abrangendo o que provoca aflição e inquietação, foi o Sigmund Freud (1919). De acordo com suas palavras, o que caracteriza o estranhamento é a sua ligação com o terrível, despertando angústia e horror. Além disso, Freud associa o estranhamento à noção de novidade, argumentando que situações novas podem se tornar facilmente assustadoras ao estabelecerem uma relação direta entre o familiar e o não familiar. Para ser considerado estranho, no entanto, não basta ser apenas novo, é necessário que contenha elementos amplamente conhecidos (familiares).

⁶ Segundo Block, (1966, p. 705), *apud* Nitrini (2000), o conceito de imitação deve ser estudado de um ponto de vista histórico, como uma corporificação de uma variedade de normas e hipóteses, às vezes sem nenhuma relação, outras, totalmente contraditórias entre si. Cabe aqui explicitar, com a ajuda de Haskell M. Block que imitação, no sentido amplo de imitação da natureza, refere-se ao padrão uniforme ou universal da experiência como norma de arte, situando-se na tradição platônica. Essa imitação não é a representação de uma ação, mas a idealização de uma experiência geral ou comum, de acordo com a prática dos antigos e com a visão do escritor que é própria de seu tempo. Assim concebida, a imitação supõe seleção e transposição, mais do que mera reprodução.

Na mesma linha de raciocínio, Nogueira (2014) nos diz que o estranhamento está presente no inconsciente das pessoas, em situações de vida do cotidiano e no imaginário coletivo. Discorre ainda que, para compreender o “estranhamento”, é preciso considerar basicamente três fatores determinantes, conforme citação a seguir:

O primeiro fator diz respeito aos elementos de estranhamento que compõe a obra, esses elementos são universais, e estão diretamente associados aos conceitos de estranhamento. Esses elementos podem ser de cunho temático, ou um procedimento formal [...]. O segundo fator de análise envolve a questão da subjetividade de interpretação por parte do sujeito receptor. Esse segundo fator está diretamente associado ao seu repertório de imagens e situações, e também a sua experiência de vida, pois, o que é estranho para uma determinada pessoa, pode não ser, para outra. [...] Por fim, o terceiro e talvez mais determinante fator, de fundamental relevância para uma análise completa, diz respeito ao contexto no qual estão inseridos sujeito e obra; o entorno cultural em que estão inseridos os valores; os signos e os códigos culturais, que compõem o repertório coletivo de determinado grupo ou sociedade (NOGUEIRA, 2014, p. 81-82).

Entretanto, para Todorov (1981) há uma distinção entre o “estranhamento”, pois este ultrapassa o real, e o “maravilhoso”, que habita somente no imaginário, e que tanto o “estranho”, quanto o “maravilhoso”, ainda não é o “fantástico”, apenas se aproximam. Para ele, o “fantástico” está na complexação dos dois, pois há uma possibilidade de que a situação seja explicada de acordo com leis metafísicas, mas ao mesmo tempo existe um mundo impossível para tais acontecimentos.

ANÁLISE E COMPARAÇÃO

Adentrando no cenário da comparação das obras, há de se mencionar sobre o instituto da intertextualidade, sendo este um dos alicerces utilizados neste artigo como suporte de análise dos contos. Nitrini (2000, p. 158) pondera que “a intertextualidade se insere numa teoria totalizante englobando suas relações com o sujeito, o inconsciente e a ideologia, numa perspectiva semiótica”. Em um olhar mais singelo, podemos definir intertextualidade, no contexto literário, como um diálogo entre duas obras ou mais.

Os cenários nos contos

Ambos os contos analisados promovem apenas algumas informações breves sobre seus personagens e locais, focando-se preferencialmente nos acontecimentos que desenvolvem toda a trama de seus respectivos enredos.

No conto “O galo preto”, Sobral (2016) retrata dois ambientes distintos: o quintal onde se encontra o galinheiro e a casa dos personagens. Iniciaremos a análise pelo quintal, e desde já subdividido a sua menção como cenário em três pontos-chave do conto. Nas primeiras linhas da narrativa, somos apresentados à uma das personagens principais, a

mãe, que surge no quintal da casa, uma mulher que trabalha como lavadeira, um ofício herdado, mostrando que a personagem nunca teve uma vida luxuosa. Também é nesse momento que são introduzidas as galinhas no conto. Vejamos:

Etelvina, a mãe, surge no quintal de casa, tentando segurar três galinhas nos braços e equilibrar um enorme cesto cheio de roupas na cabeça. Sempre teve muito equilíbrio na cabeça, porque desde pequena lava roupas para fora e leva trouxas no alto da cuca, ofício herdado desde o berço sem luxo. (SOBRAL, 2016, p. 69).

Ainda, conforme mencionado anteriormente, é no quintal que se encontra o galinheiro e, por conseguinte, é anunciada a chegada do galo, explorando o imaginário popular relacionado ao galo preto, que é apresentado como um símbolo de boa-sorte. A presença do animal na narrativa ajuda a criar um clima de tensão e suspense ao longo do conto, como podemos observar nos trechos: “[...] a mãe apareceu com o galo preto. As meninas ficaram com medo do galo, pois ele era mal-encarado e esquisito, mas as galinhas amaram e ficaram carcarejando contentes, e foi a maior festa no galinheiro.”; “A mãe disse que todo galinheiro tinha que ter um galo pra dar sorte e cuidar das galinhas.” (SOBRAL, 2016, p. 69-70).

Voltamos mais uma vez ao quintal, agora em uma nova fase da narrativa, saímos das questões afetivas com a chegada das galinhas e do galo e chegamos em uma parte em que a mãe precisa tomar a difícil decisão de começar a sacrificar as galinhas para que todos se alimentem e não morram de fome. Vejamos isso na seguinte passagem:

Domingo de manhã. Todos acordaram com a maior gritaria no galinheiro. A mãe estava tentando pegar Pauliceia enquanto as outras representavam as fiéis defensoras da amiga. O galo preto enfrentou a mãe como se defendesse o território. [...] Aos poucos, as outras galinhas também foram sumindo [...]. A verdade. A mãe estava matando as galinhas para que a família não morresse de fome (SOBRAL, 2016, p. 72).

Curiosamente, é no quintal que se inicia a narrativa, e é nele que se passa o fechamento fantástico do conto, com a ação das meninas em um pedido de socorro ou de clemência ao galo, abrindo-nos várias portas ao imaginário fantástico:

As meninas queriam sobreviver. Resolveram pedir ajuda ao galo preto, pois estavam com medo de que tudo estivesse chegando ao fim. Devagarinho, entraram no galinheiro no meio da madrugada, sem que a mãe soubesse. Tremendo de medo, Ióli olhou no fundo dos olhos do galo preto; ele era estranho mesmo, tinha uma cara de galo velho, meio galo avô. Choraram de saudades das suas amigas galinhas. Pediu o galo para ajudar a mãe. Choraram abraçadas e ficaram ali caídas, no fundo do galinheiro. (SOBRAL, 2016, p. 73).

Em contraste, temos a casa dos personagens, um lugar que a mãe tenta transformar em um ambiente calmo e acolhedor, tentando não demonstrar para as meninas a real situação da família, como pode ser observado na passagem: “Romântica, tenta fazer com

que a verdadeira situação da família, que vive num estado de miséria e privação absoluta, não seja revelada às crianças.” (SOBRAL, 2016, p. 69).

Ainda, existem de forma bem passageira alguns momentos de felicidade no ambiente familiar, tais como as visitas do tio, que além de serem instantes de alegria, traziam fartura para a mesa da família. O ato de cozinhar é uma atividade importante no conto de Sobral, que nos faz refletir sobre as mazelas apontadas pela autora no que se pese a fome como marcador incisivo na realidade da família, como pode ser observado na passagem: “Em pouco tempo as galinhas começaram a botar ovos, por isso, além de farinha com feijão do fundo do quintal meio seco pela estiagem típica do Centro-Oeste, eles comiam tudo o que podia fazer com ovos. Na falta de gás, comiam até ovo cru.” (SOBRAL, 2016, p. 70).

Quanto ao cenário para o conto *O gato preto*, podemos subdividir da seguinte maneira: Há menções a lugares como taverna, onde o narrador-personagem frequentava, e conseguimos delimitar a evolução de um homem doce a um alcoólatra, com a linha temporal dos seguintes trechos: “Desde a infância eu era notado pela doçura e pela humanidade de meu caráter”; “[...] meu caráter em geral – por obra da intemperança demoníaca – (e fico vermelho ao confessá-lo) passou por uma alteração radical para pior.”; “[...] mas minha doença se agravava – pois qual doença se compara ao alcoolismo?”; “[...] uma noite, quando estava sentado, já meio atordoado, em um antro mais do que infame, minha atenção foi repentinamente atraída [...]” (POE, 2018. p. 16-17 e 21).

Também temos o jardim, onde acontece o enforcamento do gato e ocorre o incêndio da casa, o qual é observado por uma multidão que ali se reúne para observar nos escombros uma parede intacta com a imagem do gato “[...] verdadeiramente assombrosa. Havia uma corda ao redor do pescoço do animal” e, ainda, pondera o narrador-personagem: “O gato bem me lembro, tinha sido enforcado no jardim ao lado da casa.” (POE, 2018. p. 20).

Temos, ainda, a representação da casa como um lugar harmonioso, onde o narrador-personagem vivia com sua esposa e seus animais de estimação, incluindo o gato preto, como se nota: “[...] tivemos pássaros, peixinhos-dourados, um cão maravilhoso, coelhos, um pequeno macaco e um gato.” Em certa parte da narrativa, temos a transposição de harmonia, passando a casa a ser um lugar de conflito, vejamos: “[...] meus animais de estimação, é claro, sentiram a mudança em minha disposição. Não apenas não lhes dava mais atenção alguma, como também os maltratava.” (POE, 2018. p. 16-17).

E, por fim, a prisão, onde o narrador-personagem escreve e narra sua estória, detalhando os acontecimentos após ser preso pelo crime que cometeu, e ter sido traído pelo gato preto, que havia ficado preso na parede do local onde ocorreu o crime. Após essa análise, podemos observar que os ambientes externos da obra tanto de Poe como de Sobral são locais que levam ao destino do narrador-personagem e dos personagens, respectivamente, enquanto os ambientes internos são locais que definem os seus destinos.

O alcoolismo nos contos

Tanto na obra de Sobral quanto na de Poe, o alcoolismo é apresentado como tema que causa uma transformação negativa nas vidas dos personagens.

O pai tentava arranjar uns bicos, mas gastava a maior parte do que ganhava em cachaça. Era viciado, alcoólatra mesmo. Quando bebia parecia um galo de briga, gritando sozinho, e a zanga dele era sempre de falar sozinho com o rádio, por causa das derrotas constantes do seu time de futebol (SOBRAL, 2016, p. 70).

Quando, com a manhã, me voltou a razão, e, com o sono, se dissiparam os fumos da noite de orgia, experimentei uma sensação de horror, meio de remorso, pelo crime de que me tornara culpado. Mas era, quando muito, uma sensação fraca e equívoca e a alma permanecia insensível. De novo mergulhei em excessos e logo afoguei no vinho toda a lembrança do meu ato (POE, 2018, p. 18).

Em “O galo preto”, o alcoolismo é retratado na figura do pai, e a narrativa nos mostra os impactos dessa doença não apenas na vida do pai alcoólatra, mas também na dinâmica familiar.

Os tempos começaram a ficar mais difíceis, porque a mãe teve um problema na coluna e as meninas passaram a entregar as roupas nas casas das clientes. A verdade é que não aparecia tanta cliente assim. O pai tentava arranjar uns bicos, mas gastava a maior parte do que ganhava em cachaça (SOBRAL, 2016, p. 70).

Ainda, há de se mencionar que as ações do pai vão ao encontro das ações da figura do galo após sua chegada no galinheiro, que neste contexto não demonstra muitas preocupações. Vejamos: “O galo preto não fazia quase nada no galinheiro, só andava de um lado para outro, como o pai. Parecia não estar preocupado com sua condição, enquanto as galinhas sofriam para botar ovos.” (SOBRAL, 2016, p. 70). Mais uma vez é atribuída à figura feminina toda a responsabilidade dentro daquele núcleo familiar.

Já em *O gato preto*, o narrador-personagem menciona o consumo excessivo de álcool como um elemento que contribui para sua transformação em um ser violento e irracional, sendo este levado a cometer atos violentos e cruéis sob a influência do álcool, levando-o, por exemplo, a maltratar seus animais de estimação:

Meus bichos, sem dúvida, tiveram que sofrer essa mudança de meu caráter. Não somente descuidei-me deles, como os maltratava. Quanto a Plutão, porém, tinha para com ele, ainda, suficiente consideração que me impedia de maltratá-lo, ao passo que não tinha escrúpulos em maltratar os coelhos, o macaco ou mesmo o cachorro, quando, por acaso, ou por afeto, se atravessavam em meu caminho. Meu mal, contudo, aumentava, pois que outro mal se pode comparar ao do álcool? E, por fim, até mesmo Plutão, que estava agora ficando velho e, em consequência, um tanto impertinente, até mesmo Plutão começou a experimentar os efeitos do meu mau temperamento (POE, 2018, p. 18).

A figura do gato preto, em particular, pode representar sua consciência atormentada, uma presença constante que o persegue e o lembra de suas ações destrutivas, e o vício desencadeia sua queda moral que se torna um símbolo da culpa que o consome, culminando no assassinato do gato.

Ambas as obras parecem explorar as ramificações negativas do alcoolismo, destacando a autodestruição, a perda de controle e as relações disfuncionais no seio familiar. No entanto, a forma como esses temas são abordados e os efeitos específicos variam da visão dos autores em cada obra.

A relevância do nome

Neste tópico analisaremos a nomeação dos personagens, que dão personalidade e relevância para os contos. Na estória e na perspectiva presente, podemos utilizar o entendimento de Ana Maria Machado, quando abordamos a questão do significado, senão, vejamos: “O nome marca também um aspecto da subjetividade ou da posição social daquele que nomeia, e que é significado pelo nome que escolhe. Portanto o nome é sempre significativo.” (MACHADO, 1976, p. 27).

No conto de Sobral, somente os personagens femininos recebem nomes, o que nos abre margem para explorar a abordagem sobre a valorização das vozes femininas e a representação das mulheres na literatura. A atribuição de nomes específicos às personagens femininas pode ser interpretada também como uma forma de reconhecer a individualidade, a força e a importância das mulheres na história, vejamos: “Etelvina, a mãe... [...]. As filhas, Íoli, Maria, e a sobrinha Josefina... [...]. Cada uma pegou uma galinha no colo e tratou logo de batizar. [...] A Augusta era da Íoli, a da irmã caçula era a Francisca, e a Josefina ficou com Pauliceia.” (SOBRAL, 2016, p. 69).

Os nomes femininos podem carregar significados simbólicos ou históricos, refletindo as características e experiências únicas de cada personagem feminina. Essa abordagem de atribuir nomes apenas às personagens femininas pode ser uma forma que Sobral encontrou de subverter as normas literárias tradicionais, trazendo suas vozes e histórias para o centro da narrativa, promovendo uma maior representatividade e empoderamento das mulheres.

O fato de a autora escolher não nomear os personagens masculinos pode estar relacionado à contestação das normas patriarcais e à amplificação das vozes e experiências das mulheres. Essa abordagem enfatiza a importância de se considerar a diversidade de perspectivas e experiências de gênero na literatura e na sociedade em geral. Nesse caso, podemos considerar a escolha da autora, de nomear exclusivamente as personagens femininas, como uma busca em desafiar a hierarquia de gênero estabelecida em nossa sociedade e dar destaque às vozes e às experiências das mulheres, desafiando as expectativas tradicionais de masculinidade e explorando a complexidade das identidades femininas em uma perspectiva mais ampla.

Outra possibilidade de análise é a representação de arquétipos⁷, conceito desenvolvido por Carl G. Jung, psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica. Sem um nome, o personagem pode ser interpretado como um símbolo de uma experiência ou uma emoção compartilhada por muitos. Isso permite uma conexão mais ampla com os leitores ao enfatizar a humanidade comum. Ainda, a ausência de um nome específico pode transmitir a sensação de anonimato ou a falta de singularidade, explorando temas como conformidade, alienação ou submissão.

Já em uma análise do conto de Poe, o único personagem que recebe um nome é o gato preto, identificado pelo nome de Pluto (ou Plutão), e que, se analisarmos pela ótica da mitologia romana, se refere ao deus Plutão, senhor dos mortos, sendo este associado além da morte com o desconhecido. Vejamos a menção no conto de Poe: “Plutão – esse era o nome do gato – era meu animal de estimação favorito e meu companheiro inseparável.” (POE, 2018, p. 16). Essa referência mitológica traz um elemento misterioso e sobrenatural à história, capturando a imaginação do leitor.

Podemos destacar a importância da escolha do nome do gato em relação ao próprio narrador-personagem do conto, este nos relata seu declínio moral e sua natureza perversa com o gato preto simbolizando essa transformação sombria de seus impulsos violentos. Sua obsessão doentia pelo gato nos sugere uma batalha entre sua consciência e seus desejos mais obscuros. Essa dualidade interna cria um conflito central que impulsiona a narrativa. Em relação ao nome Pluto (ou Plutão), este pode representar essa dualidade, pois o deus romano Plutão também era conhecido por sua natureza ambivalente, governando tanto o mundo subterrâneo dos mortos quanto as riquezas da terra.

Outro aspecto importante é a relação do gato com o sobrenatural e o inexplicável, o que valoriza o elemento misterioso e o choque entre a realidade e o fantástico. No conto de Poe, o gato parece ter uma presença sobrenatural, sendo capaz de reaparecer mesmo após ter sido morto pelo narrador-personagem, contribuindo para a aura misteriosa e perturbadora da estória.

Ambos os contos exploram a importância dos nomes dos personagens como uma forma de transmitir significado e representação simbólica. Em *O gato preto*, o nome do gato personifica a escuridão moral e a culpa do protagonista, enquanto em “O galo preto”, os nomes das personagens femininas ressaltam a voz e a identidade delas.

⁷ Arquétipo é um conceito da Psicologia utilizado para representar padrões de comportamento associados a um personagem ou a um papel social. A mãe, o sábio e o herói são exemplos de arquétipos. Esses “personagens” têm características percebidas de maneira semelhante por todos os seres humanos. Para Jung, esses comportamentos (referentes aos arquétipos) estão no inconsciente coletivo e, por isso, são percebidos de maneira similar por todos. Jung dizia que os arquétipos são uma herança psicológica, ou seja, resultam das experiências de milhares de gerações de seres humanos no enfrentamento das situações cotidianas. Disponível em: <https://www.significados.com.br/arquetipo/#~:text=O%20que%20s%C3%A3o%20os%20arqu%C3%A9tipos,por%20todos%20os%20seres%20humanos>. Acesso em: 29 jun. 2023.

O gato preto e o galo preto

Neste tópico de análise, abordaremos a questão dos títulos “*O gato preto*” e “*O galo preto*”, no que se pese a serem quase homônimos. Podemos observar a proximidade fonética e ortográfica entre as palavras “gato” e “galo” nos títulos, diferindo apenas por uma letra na grafia. Essa semelhança cria uma sensação de quase homonímia⁸, o que pode despertar o interesse no momento de leitura, gerando uma reflexão deliberada – o que de fato ocorreu – e aguçou nosso imaginário a levantar as relações de semelhanças e diferenças presentes nos contos.

A técnica da quase homonímia nos títulos nos proporciona uma experiência de leitura envolvente e instigante. A ambiguidade gerada pela semelhança entre as palavras incita uma reflexão sobre os limites da linguagem e da interpretação. E foi justamente por esse fato que fomos desafiados a explorar os contos em busca de nuances e sutilezas, ampliando a compreensão das obras como um todo.

Ao explorar a técnica, criou-se uma sensação de familiaridade e estranhamento simultâneos. A similaridade nas palavras nos leva a questionar se estamos interpretando corretamente ou se há algum significado oculto por trás dessa escolha. Essa ambiguidade inicial estimulou a nossa curiosidade e nos incitou a realizar uma leitura mais atenta e perspicaz, em busca de pistas e significados mais profundos.

A utilização de títulos quase homônimos também pode ser vista como uma estratégia para criar uma conexão subliminar entre os contos. Ao diferenciá-los por apenas uma letra, sugere-se uma relação temática ou simbólica entre as histórias, que pode revelar-se ao longo da leitura ou não. Essa abordagem desafia-nos a estabelecer associações entre os animais (gato e galo) e suas características emblemáticas, provocando uma interpretação mais abrangente das narrativas. Sobre os animais escolhidos, o gato e o galo, estes são evocativos e possuem associações diferentes. O gato, muitas vezes, é associado à misteriosa figura do “gato preto”, ligado ao oculto, à superstição e à bruxaria. Já o galo é um símbolo associado ao amanhecer, à vigília, ao anúncio do novo dia. Ambos os animais em preto podem representar um encontro entre o desconhecido e a transição, entre o mundo sombrio e o despertar.

De um ponto de vista semiótico, podemos considerar que o uso de animais pretos nos títulos evoca uma atmosfera misteriosa e simbólica, tendo em vista que o preto é frequentemente associado à escuridão, ao desconhecido e ao sobrenatural.

Dessa forma, os títulos quase homônimos, quais sejam, *O gato preto* e “*O galo preto*”, ampliam a dimensão simbólica e interpretativa dos contos, aproximando as palavras de maneira sutil. Ainda, estimula a curiosidade e convida à reflexão promovendo uma imersão profunda na leitura. Desse modo, somos incentivados a explorar as múltiplas

⁸ A homonímia é a relação de igualdade que se estabelece entre palavras com sentidos diferentes. Por que igualdade? Porque elas apresentam a mesma escrita e/ou a mesma grafia. Essas palavras são chamadas de “homônimas”. (CE-GALLA, 2008. p. 311-312).

camadas de significado e a estabelecer conexões entre os elementos presentes nas histórias, enriquecendo nossa experiência literária e aguçando significativamente nosso imaginário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi realizar uma leitura comparada dos contos *O gato preto*, de Edgar Allan Poe (1843), e “O galo preto” (2016), de Cristiane Sobral. Durante toda a análise foi possível observar algumas semelhanças nas obras que iam muito além do próprio título quase homônimo. São universos que transitam entre o terror, o fantástico e ambos se valem de uma temática que se interliga por meio do estranhamento, como recurso para expressar a presença do animal/animalesco, sendo apresentadas possíveis interpretações para os contos.

Podemos compreender que o conto *O gato preto* relata as confusões mentais e uma possível loucura do narrador-personagem, que compartilha conosco suas memórias antes que seu fim trágico chegue. Edgar A. Poe baseia-se na crença popular do gato e na mística que envolve a sua figura, que, entre tantos animais, sugere, geralmente, algo de sobrenatural cercado-se de mistérios em uma atmosfera de suspense no conto. Isso nos leva a considerar que a figura do gato, por fim, representa a própria imagem especular/invertida⁹ do narrador, que durante sua história nos aponta o declínio de seu caráter, e este comete atrocidades por meio de comportamentos malignos, o que causa seu trágico fim.

Por outro lado, em “O galo preto” concluímos que o conto se apoia na ideia de que o galo neste contexto é naturalmente um ser místico e, portanto, capaz de proteger aqueles que carecem de seu auxílio, neste caso, é materializado na figura das personagens femininas que necessitam de seu auxílio. Assim, por via de consequência, seria ele o grande salvador de uma família tão maltratada e que vive às margens da sociedade. Inclusive, o galo adquire consciência nos momentos finais do conto, desenvolvendo características sobrenaturais. Assim, temos dois cenários: o do cotidiano permeado pela miséria e pelas mazelas de uma família que vive à margem da sociedade; e o outro, no qual o galo adquire uma aura mística a partir do conflito central, atendendo-se ao apelo das crianças para que fossem salvas.

Em ambos os contos, pode ser observada a tensão em torno do tema da morte, e ela desponta por meios distintos em cada um deles: em “O galo preto”, é trazida a figura do galo como último recurso das crianças, pois elas queriam sobreviver. Assim, após desmaiarem no fundo do galinheiro, acordam em um lugar estranho, reencontrando as galinhas vestidas de anjinhos, mãe e pai, onde não existe fome e todos estão felizes. Enquanto em *O gato preto*, o gato aparece ao final do conto como o grande delator, que por meio de seu “possível” grito/miado denuncia o assassinato praticado pelo narrador-

⁹ Consideramos que o gato, no conto em questão, é um duplo do narrador, mas um duplo opositivo. Numa perspectiva junguiana, pontuamos que o gato é a própria “sombra” (enquanto arquétipo) do narrador.

personagem, vingando-se pelo seu semelhante¹⁰ morto em era pretérita enforcado e da mulher que fora emparedada.

Podemos admitir que ambos os autores usam de suas realidades para compor seus contos, tratando não só de crenças relacionadas ao seu tempo de escrita, mas também de vícios que perpetuam entre o tempo, como exemplo o álcool representado tanto no conto de Poe como no de Sobral. Não obstante, também acreditamos que haja uma inspiração arquetípica em Edgar Allan Poe por parte de Sobral, ainda que inconscientemente, pois a própria autora, após contato via redes sociais (Instagram)¹¹ nos confidenciou ser leitora de Poe. Vejamos:

Agradeço o seu contato, recebi aqui sua mensagem com alegria por ter sido escolha dessa análise comparada. Confesso que também com surpresa! Eu sou leitora do Edgar Allan Poe, mas eu não pensei em nenhum momento no diálogo desses dois textos. Ele não teve influência na composição dessa história e estou aqui querendo ler de novo esse conto pra poder pensar aqui junto contigo sobre essas similaridades. (SOBRAL, 2023).

É de claridade solar que existem diferenças marcantes entre os estilos e as temáticas abordadas por Edgar Allan Poe e Cristiane Sobral, contudo ambos os autores possuem a habilidade excepcional de despertar emoções e envolver os leitores de forma profunda e reflexiva. Cada um explora diferentes aspectos da condição humana, seja por meio do terror e do mistério de Poe, ou pelo estranhamento abordado através das reflexões sociais que Sobral nos faz considerar. Ambos possuem um legado significativo em suas respectivas épocas, com suas singularidades, mas sendo inspirações e nos levando sempre ao fantástico.

Ainda, é fundamental destacar que as abordagens dos contos “*O gato preto*” e “*O galo preto*” contribuíram significativamente para embasar a análise em si, evidenciando a estranheza e a incerteza do desfecho das histórias. Nesse sentido, nenhuma das interpretações pode ser finalizada, pois a dúvida persiste, como notoriamente é exigido em contos de literatura fantástica.

REFERÊNCIAS

BEGHINI, Marco. (30 mar. 2010). **A Literatura de Terror e a Comunicação**. The boy with the blues. Disponível em: <http://theboywiththeblues.blogspot.com/2010/03/literatura-de-terror-e-comunicacao.html>. Acesso em: 29 jun. 2022.

BRECHT, Bertolt. Carácter popular del arte y arte realista. Charla durante el ensayo. La dialéctica proletária. p. 55-73, 1979. In: BRECHT; GROZ; PISCATOR. Arte y Sociedad. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Caldén, 1979. **Estud. Lit. Bras. Contemp.** (51) ago, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-40185114>. Acesso em: 01 jul. 2022.

¹⁰ No conto, à primeira vista, aparecem dois gatos, porém, por se tratar de uma obra do gênero terror, podemos pontuar que os gatos, devido a sua total semelhança, são na verdade “um”. Ou seja, o mesmo gato aparece depois de morto, o que amplia a possibilidade do medo.

¹¹ SOBRAL, Cristiane. *Conversa sobre o conto “O galo Preto”*. Instagram. Recebido em: 11 jun. 2023; 14h32.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Homônimos. In: _____. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008. p. 311-312.

DARNTON, Robert. Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na Rua Saint-Séverin. In: **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 103-139.

FREUD, Sigmund. O inquietante. In: FREUD, Sigmund. **História de uma neurose Infantil: (O homem dos lobos): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

INFOPÉDIA. **Porto Editora – Plutão (mitologia) na Infopédia [em linha]**. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-04-21 02:47:05]. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$plutao-\(mitologia\)](https://www.infopedia.pt/$plutao-(mitologia)). Acesso em: 21 abr. 2023.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

LITERAFRO. **Cristiane Sobral**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/203-cristiane-sobral>. Acesso em: 21 abr. 2023.

MACHADO, Ana. Maria. **Recado do Nome: Leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MARTINS, Maria Manuela. (2023). **A Simbologia do Galo**. Disponível em: https://popgalo.com/galo/Galo_MManuelaOliveiraMartins.php?lang=pt&f=1.pdf. Acesso em: 21 abr. 2023.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: história, teoria e crítica**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

NOGUEIRA, Antônio Henrique Silva. **O estranhamento na arte da Oficina Guaianases (1974-1995)**. Recife: O Autor, 2014.

NUNES, Benedito. O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura. In: MACIEL, Maria Esther (org.). **Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

POE, Edgar. Allan. **Contos de imaginação e mistério**. São Paulo: Tordesilhas, 2012.

POE, Edgar Allan. 1809-1849. **O gato preto e outras histórias extraordinárias**. Tradução de Marta Fagundes; Fátima Pinho. 1. ed. São Paulo: Pandorga, 2018.

RABKIN, Eric Hesh. **The fantastic in literature**. New Jersey: Princenton University, 1977.

SÁ, Márcio Cicero. **Da literatura fantástica (teorias e contos)**. (2003). **Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003**.

RESENDE, Tania Inessa; FILHO, José Carlos Castelo Branco. et al. **A patologia como possibilidade estruturante do sujeito: uma releitura da questão phática**. Univ. Ci. Saúde, Brasília, v. 2, n. 1, p. 1-151, jan./jun. 2004.

SIGNIFICADOS. **Arquétipos**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/arquetipo/#:~:text=O%20que%20s%C3%A3o%20os%20arqu%C3%A9tipos,por%20todos%20os%20seres%20humanos>. Acesso em: 29 jun. 2023.

SOBRAL, Cristiane. **O tapete voador**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

THE POE MUSEUM. **Poe Biography**. Disponível em: <https://poemuseum.org/poe-biography/>. Acesso em: 21 abr. 2023.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Perspectiva, 1981.

TRESIDDER, Jack. **O grande livro dos símbolos**. Tradução de Ricardo Inojosa. Rio de Janeiro: Edioro, 2003.